ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA COLABORAR COM O COMBATE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA EEEP ANTÔNIO TARCÍSIO ARAGÃO EM IPU (CE): SUPERANDO LACUNAS CURRICULARES

Maria Gizélia Alves Rodrigues [1]
Ivaldinete de Araújo Delmiro Gemes [2]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta parte de uma pesquisa interventiva que desenvolvo no de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO). Trata-se de uma proposta de intervenção pedagógica desenvolvida no ambiente escolar. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo realizar processos formativos, sociológicos e educativos, que busquem fortalecer o debate em torno da educação de gênero e violência de Gênero na Escola Antônio Tarcísio Aragão, na cidade de Ipu/Ce. O foco recai sobre o desempenho e prática dos estudantes da escola pública, que se mobilizam e se sensibilizam de forma significativa, no que tange à violência de gênero. Além disso, no processo de construção desse trabalho percebe-se nos estudantes, uma postura crítica diante dos saberes, fatos e práticas sociais, potencializando a imaginação e o raciocínio sociológico.

As motivações para a escolha do tema sobre gênero e violência de Gênero, ocorre devido a importância de se debater sobre essa temática no ambiente escolar. a presença insuficiente de discussões importantes sobre identidade, diversidade e respeito no currículo de sociologia no Novo Ensino Médio e os riscos que a falta de uma educação, que aborde a problemática de gênero de forma complexa e integral.

Segundo Simone de Beauvoir, filósofa francesa, existencialista e feminista, em seu livro O segundo Sexo escrito em 1949, argumenta que a mulher ao longo do tempo foi educada e moldada historicamente a ser inferior, secundaria e submissa. Partindo dessa análise, Simone escreve que "não se nasce mulher, torna-se mulher" não nascemos com nossa essência definida, esta é resultado da educação que recebemos e das nossas escolhas.

Mary Del Priore em História das mulheres no Brasil (2004), expõe alguns costumes patriarcais da sociedade brasileira ao longo da história, analisando os

[1]Mestranda, Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, PROFSOCIO, UVA; E-mail: gizeliarodrigues123@gmail.com.;
[2] Profa. Dra. do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, PROFSOCIO, UVA. E-mail: ivaldinetedelmiro@gmail.com.

comportamentos desde a tribos indígenas com a poligamia masculinas, onde os homens controlavam a sexualidade e a fertilidade feminina em caso de adultério recebiam duros castigos.

Priore (2004) evidencia o desafio dos movimentos feministas no XIX, pois a princípio não tornaram as mulheres livres e emancipadas, pois ainda eram subordinadas ao poder masculino, aceitava o patriarcado, as violências domésticas, abandono e o desprezo sofridos nas relações conjugais, seja porque o casamento foi por conveniência, condições financeiras ou o costume enraizado da época. O feminismo é um movimento social que aprece de acordo com as demandas e interesses das mulheres, em diversos contextos:

> O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas "ondas". O feminismo de "primeira onda" teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de "segunda onda" surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: "o privado é político". (PEDRO, 2005, p. 79)

Para Bell Hooks (2018), antes das mulheres mudarem o patriarcado existente na sociedade, elas precisam mudar a si mesmas e suas consciências.

> O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência. (HOOKS, 2018, p 29).

A autora evidencia o desafio da luta das mulheres que embora tenha conquistado e vem conquistando muitos direitos, foram socializadas pelo pensamento patriarcal, reproduzindo o preconceito, a exclusão, o sexismo e o classicismo internalizado. Quando as mulheres se conscientizarem desses fatores a sororidade feminina será alcançada. O corpo da mulher é um corpo político, no decorre de cada movimento histórico, as relações de poder em relação ao corpo, se efetuam de formas diferentes

Aponta para o discurso sobre o corpo e as relações de poder que constitui este discurso. Para Michel Foucault (1993) o poder funciona e se exerce em rede. Nas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder. A sexualidade é um instrumento de disputa durante várias épocas.

Para Butler (2001) a identidade é um construto performativo se constitui numa teoria complexa. Segundo ela, o sujeito é um ator que se põe de pé e encena sua identidade em um palco de sua própria escolha. Para ela a identidade de Gênero é uma sequência de atos

(existencialismo), mas afirma que não existe um ator (performer) preexistente que pratica esses atos.

O sujeito é um construto performativo. Para Butler (2001), o sujeito em processo existe, pois está construído no discurso pelos atos que executa e gênero é um processo e não tem começo nem fim, de modo que é algo que fazemos e não que somos.

Butler (2015) se afasta da noção de que sexo, gênero e sexualidade existem de maneira mútua. Exemplo de que alguém é biologicamente fêmea de comporte e exiba traços femininos e tenha desejo por homens. Ela afirma que gênero não é natural, assim não é necessário a relação entre o corpo de alguém e seu gênero. Por isso pode existir uma fêmea masculina e um macho feminino. Butler questiona: Existe um corpo físico anterior ao corpo percebido? O corpo não é um fato da natureza, tal como o gênero, ele construído por ela.

A educação enfrenta uma série de desafios complexos que vão além do simples cumprimento de currículos. Percebe-se um silenciamento das contribuições femininas nos currículos e nos livros didáticos. Os conteúdos são fornecidos e ensinados sobre um viés androcêntrico que invisibiliza as contribuições científicas e intelectuais femininas para a construção do conhecimento, tirando delas o protagonismo em diversas áreas de domínio público, histórico, acadêmicos.

Na EEEP Antônio Tarcísio Aragão, a análise dos livros didáticos revelou uma abordagem esporádica sobre gênero, com algumas discussões em materiais dos 1º e 3º anos, mas ausência significativa nos 2º anos. Para suprir essa lacuna e amenizar o silenciamento, o projeto “Mulheres Extraordinárias” foi implementado, promovendo atividades extracurriculares como seminários, palestras, documentários, debates e produções artísticas que exploram temas de gênero, violência e empoderamento.

A pesquisa visa construir e aprimorar a abordagem pedagógica sobre gênero, promovendo equidade e reflexão sobre os direitos humanos, busca sensibilizar alunos, engajar a comunidade escolar na luta contra a violência de gênero e revisar percepções sobre o papel das mulheres na sociedade. A intervenção pedagógica, realizada com alunos do 2º ano, promove reflexões críticas para quebrar paradigmas enraizados e colaborar com a redução da violência de gênero, destacando a importância de práticas educativas que colaborem com a redução da cultura patriarcal e a marginalização das conquistas femininas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Como metodologia, foi utilizada alguns aspectos metodológicos da pesquisa qualitativa. Nesse tipo de abordagem, acontece uma interação entre os sujeitos (pesquisadora/pesquisados) no ambiente da pesquisa. Geralmente, há uma relação dialógica entre os participantes da pesquisa. Esse é inerente ao processo de pesquisa interventiva. Na realidade social da escola E.E.E.P. Antônio Tarcísio Aragão, foi construída a intervenção através da experiencia concreta de todos os atores sociais, empenados em participar dos eventos e das atividades relacionadas ao tema. A pesquisa-participante, foi sem sombra de dúvida uma técnica fundamental para organizar o debate questões de gênero e violência de gênero na escola. Pois, é aqui uma atividade formativa de uma mestranda do PROFSOCIO.

> O que se propõe é que o profissional seja um pesquisador de sua prática e, para isso, a formação deve estar toda ela orientada para a pesquisa, de modo que o trabalho final de conclusão seja o resultado dessa pesquisa. Nossa posição é que a pesquisa tem um importante papel na formação dos mestres profissionais em educação, pois lhes dá oportunidade de analisar a realidade em que se inserem, localizar áreas críticas que possam ser esclarecidas por um processo sistemático de coleta de dados e de referenciais teórico-metodológicos, que lhes permitam atuar mais efetivamente nessa realidade. A pesquisa quando promove a reflexão crítica sobre a prática profissional em educação possibilita o desenvolvimento de indivíduos críticos e criativos. (ANDRÉ; PRINCEPE, 2017, p. 105-106).

Inicialmente foi feita uma reunião com todas as turmas de segundos anos, no sentido de mostrar a proposta do projeto e as ações que seriam desenvolvidas durante os meses de março e agosto. Após a apresentação das propostas, cada turma começou a empenha-se em pesquisar e montar o material a ser apresentado nos dias previamente agendados, confeccionaram panfletos, mural de conscientização, realizaram seminários tratando das temáticas das lutas das mulheres por reconhecimentos e direitos, bem como, produziram um documentário para alertar sobre as relações abusivas que podem culminar em feminicídio.

A primeira apresentação de seminário, ficou a cargo da turma 2º ano técnico em Agronegócio, com o tema: Movimento feminista: conquista de direitos fundamentais. Abordaram assuntos referentes ao Histórico do Dia Internacional da Mulher, manifestações e greves, conquistas femininas ao longo da história, tipos de movimentos feministas e principais movimentos feministas no Brasil.

A segunda apresentação foi uma exposição organizada pela turma 2º ano técnico em Desenvolvimento de sistemas, com o tema: mulheres inspiradoras. Abordaram assuntos referentes as invenções e descobertas feitas por mulheres que são invisibilizadas nos curriculos escolares.

A terceira apresentação de seminário, ficou a cargo da turma 2º ano técnico em Administração, com o tema: direitos das mulheres: estatísticas, crimes, penas e conquistas. Abordaram assuntos referentes a violência de gênero: Assédio, relações abusivas/violentas e violência doméstica, Cyber violência, instrução acerca da Lei Maria da Penha e 12 direitos fundamentais à mulher determinados pela ONU.

A quarta apresentação, ficou a cargo da turma 2º ano técnico em Enfermagem, com o tema: Eles combinaram de nos matar e a gente combinou de não morrer. Abordaram assuntos referentes a instrução acerca da Lei do Feminicídio, tipos e causas, estatísticas e penas, diferença entre a lei Maria da penha e a Lei do Feminicídio.

Ao término das apresentações do mês de março, a tarefa da turma 2º Ano Técnico em Enfermagem, a saber, a produção de um documentário foi concluída, no roteiro buscou-se explorar a vida e a luta de Alana, refletindo sobre as experiências de mulheres vítimas de feminicídio, aborda diferentes aspectos de sua história, desde os sonhos e esperanças até a dor da perda e a busca por justiça. O documentário a trágica história de Alana, uma voz silenciada foi apresentado de forma emocionante para as demais turmas de 2º anos. Finalizando assim, a primeira etapa do projeto.

A segunda etapa do projeto acontece em agosto. Para a turma 2º Ano Técnico em Agronegócio a tarefa é fazer a abertura da campanha agosto lilás, apresentando-a nas salas e ambientes da escola. Serão feitos convites a palestrantes para uma fala inicial com o tema: violência contra a mulher: sua evolução pode levar ao feminicídio, apresentada para as turmas de 1º e 3º anos.

Na segunda semana de agosto a turma 2º Ano técnico em Desenvolvimento de Sistemas confeccionará o mural da campanha agosto lilás que será exposto na parte mais visível da escola: a rampa.

Na última semana de agosto ocorreu a panfletagem pela turma 2º Ano técnico em Administração e a apresentação do seminário de conscientização pelo fim da violência contra a mulher, realizado pelos alunos do 2º ano técnico em Enfermagem e a apresentação do documentário para as turmas de 1º anos. Finalizando as ações do projeto com êxito de todas as tarefas planejadas.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o decorrer da pesquisa interventiva foi possível identificar o engajamento dos alunos nas atividades propostas, a saber, seminários, panfletagem, exposições, confecção dos

murais de conscientização e manifestações artísticas de autoria dos discentes. As ações proporcionaram aos estudantes envolvidos o desenvolvimento de habilidades, principalmente nos que concerne ao roteiro, atuação, filmagens e edições do documentário a trágica história de Alana, uma voz silenciada. No público alvo, despertou uma postura crítica diante dos fatos e práticas sociais, na participação das palestras, no compartilhamento de suas experiências e histórias de vida ou de conhecidos.

A maioria dos participantes expressou a importância de discutir essas questões abertamente na escola e na sociedade, depois das ações, afirmaram ter uma melhor compreensão sobre o que constitui violência doméstica e suas implicações, bem como, as formas de proteção e denúncia. Portanto, as ações educativas e de suporte são essenciais, as temáticas trabalhadas se fazem necessárias porque tem o objetivo de conscientizar e propor mudanças nos lares e nos valores a ser incorporados pelos alunos.

As atividades realizadas pelos estudantes trouxeram resultados positivos em relação aos objetivos propostos. Notamos o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, respeito, confiança, tolerância, assertividade, responsabilidade, organização, foco, determinação, bem como, adoção de conhecimentos sobre a apreciação do papel que as mulheres desempenham na sociedade, desconstrução dos estereótipos de gênero, desnaturalização do patriarcado que ainda dita muitos padrões sociais preconceituosos, prevenção à violência e promoção de uma cultura de paz.

A pesquisa realizada na E.E.E.P. Antônio Tarcísio Aragão é primordialmente importante em uma sciedade que se mata mulheres todos os dias. Essa mudança social deve ser tratada também no cotidiano das instituições sociais. Percebe-se quão significativa é esse processo interativo de desempenho e aprendizagem no combate às praticas misóginas. Além disso, observa-se que auxilia os estudantes no constante desafio, de trabalhar compreensão dessa temática no ambiente escolar. No sentido de questionar o patriarcado internalizado nos individuos, a invisibilidade de muitas mulheres, a inferiorização e marginalização do protagonismo, das lutas e conquistas das mulheres, bem como, através das ações colaborar com o combate à violência de gênero, com ênfase na violência doméstica.

REFERÊNCIAS:

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **Feminismo, porém até certo ponto!: representações do feminismo no contexto das práticas profissionais e de gênero**. 1996. 229 f . Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

ALBERTI, Verena**. Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: UNESP, 1998.

ALVES, Maria Elaene Rodrigues. VIANA, Raquel. **Desafios para a Igualdade**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

ANDRÉ, Marli e PRINCEPE, Lisandra. O lugar da pesquisa no Mestrado Profissional em Educação. *Educar em Revista*, Curitiba, v. n. 63, p. 103-117, jan./mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000100103&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 fev. 2021.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). Disponível em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18/10/2023.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo sexo. Rio de Janeiro: Editora **Nova Fronteira**, 2009.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 34. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: **Rosa dos tempos**, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do** gênero. Teoria & Educação, Porto Alegre,n.6,p. 53-67,1992. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

NEVES, Paulo Rogério da Conceição. **As meninas de agora estão piores do que os meninos**: gênero, conflito e violência na escola. 2008.183 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PASSOS, João da Silva. **Uma mulher vestida de sol. São Paulo**: Ave Maria, 1992.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Mulher e Realidade: Mulher e Educação, Porto Alegre, v. 16, n.2.

PIRROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Aparecida Sueli CARNEIRO. **A Construção do Outro** como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado).

MILLS, C. Wright. A Imaginação Sociológica. 4ª ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, **Zahar**, 1975.

PARAÍSO, M. A. Teorias pós-críticas do Currículo. In: ___. Currículos: Teorias e políticas. São Paulo: **Autêntica**, 2023.

PASSERON, Jean-Claude. O Raciocínio Sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Tradução de Beatriz Sidou. Petrópolis: **Vozes**, 1995.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora **Contexto**. 7ª Edição. 2004.

SILVA. Tomaz Tadeu de. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: **Autêntica**, 1999.